MERCADO DO GADO GORDO

O que os grandes frigoríficos escondem

Júlio Brissac*

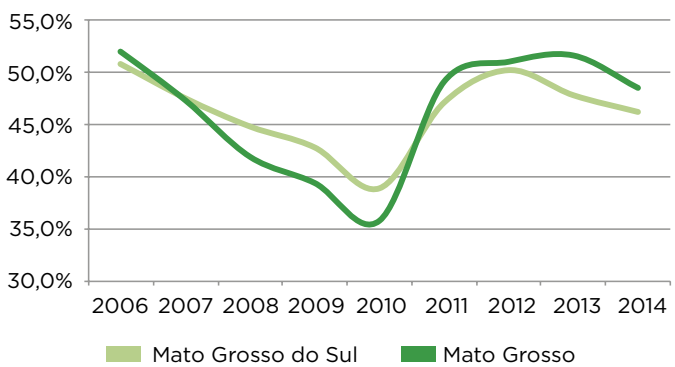


UMA SEQUÊNCIA de dias com oferta abaixo das necessidades de demanda mantém o gado gordo com os maiores preços médios da história. Desde o início do ano, as mesas de compra dos frigoríficos exportadores estão desesperadas com a forte alta nas cotações desta matéria-prima, sobretudo diante da certeza de que a escalada de valorização está apenas começando.

Os poucos vendedores que ainda têm animais para abate neste início de segundo semestre devem cadenciar a oferta, pois os preços tendem a subir ainda mais. E, mesmo que os grandes frigoríficos não mostrem, em seus balanços financeiros – por motivos óbvios –, toda a intensa preocupação com essa iminente queda nos estoques de gado, o que se vê no chão do mercado é que essa retração está apenas começando e que o rebanho vai diminuir ainda mais. A indústria frigorífica de grande porte esconde, mas não existem sinais de que esse ambiente será modificado, com novas valorizações devendo ser anotadas.

Uma boa forma de os estrategistas de mercado compreenderem esse cenário é olhar para o que vem acontecendo com os abates de fêmeas, que, ao contrário do que muita gente pensa, continuam fortes. O Mato Grosso do Sul abateu, entre janeiro e julho, 2,23 milhões de animais, ou 142.163 mil bovinos a menos do que em igual período do ano passado, justificando todos os recordes de preços registrados nesse intervalo. Só para se ter uma ideia, o valor médio da vaca gorda à vista encerrou os sete primeiros meses do ano com média histórica de R$ 110 por arroba.

ABATES DE BOVINOS DE JANEIRO A JULHO (REPRESENTATIVIDADE: FÊMEAS)



Fonte: Rural Business/USDA

Informações da SDA-MS (Secretaria de Defesa Agropecuária do Mato Grosso do Sul) confirmam que a liquidação de matrizes segue extremamente elevada no estado. O abate de fêmeas atingiu 1,03 milhão de cabeças no período, o que indica forte aumento, de 36%, em apenas cinco anos (2010), enquanto o de machos somou 1,20 milhão de cabeças, 3,2% a menos do que em 2013, mantendo-se praticamente estabilizado de 2010 para cá.

Já, no Mato Grosso, 3,20 milhões de animais foram enviados aos frigoríficos nos sete primeiros meses do ano, confirmando retração de 8% frente a igual período de 2013. Um ano atrás, o estado comemorava o recorde de 3,48 milhões de cabeças abatidas nesse intervalo, mas, como podemos ver no gráfico, muitos desses animais eram fêmeas.

Avaliando os dados do IMEA (Instituto Mato-grossense de Economia Agropecuária), cruzados com os da Rural Business, o que enxergamos é que os produtores do Mato Grosso abateram 65,6% a mais de vacas do que cinco anos atrás (2010), com o volume dando um salto de 938,42 mil para 1,55 milhão de animais. A categoria vem respondendo, em 2014, por quase a metade dos negócios (48,7%) no estado. Já o abate de machos mostra queda de 2,3%, tanto no comparativo anual, como em cinco anos, somando 1,65 milhão de animais até julho.

Como contra fatos não há argumentos, com esse cenário, a redução dos estoques é iminente, gerando preços mais altos não apenas para o gado gordo, mas também para a reposição.

O destaque vai para a "guerra fria" entre EUA e Rússia. Neste momento, os russos já aceleram suas compras de carne bovina para conseguir recuperar seus estoques antes da chegada do inverno e do fechamento dos portos, o que promete acirrar ainda mais a disputa por gado gordo em todo o país nos próximos meses.

Por mais que os grandes frigoríficos tentem passar ao mercado um cenário bem diferente – afinal seu principal objetivo é comprar gado o mais barato possível –, é melhor você se preparar! A oferta de animais para abate seguirá abaixo das necessidades de demanda, e os preços só têm um rumo: seguirem para cima! ■

* Analista chefe e estrategista de pecuária de corte da Rural Business